

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CAMINHOS DE INTERPRETAÇÕES DA GRAÇA: EM PAULO E SEUS INTÉRPRETES AGOSTINHO E LUTERO

Pathways of interpretations of grace: in Paul and his interpreters Augustine and
Luther

Ma. Vera R. B. Schmegel da Costa¹

RESUMO

O artigo, através do método de pesquisa bibliográfico, explora caminhos de interpretações da graça percorridos por nomes de inquestionável relevância em seu tempo e posteridade. As paradas ocorreram em três estações distintas. Inicialmente foram apresentados os principais usos e sentidos de graça pelo apóstolo Paulo, o considerado “apóstolo da graça”. Dado esse passo, prosseguiu-se para Agostinho, o “doutor graça”, que também dedicou significativo espaço à temática e, sequencialmente, para Lutero, que lutou para devolver a graça ao seu espaço.

Palavras-chaves: Graça. Paulo. Agostinho. Lutero.

ABSTRACT

The article, through the bibliographical research method, aims to explore the ways of interpreting grace, driven by names of unquestionable importance in their time and posterity. The study focused on three separate terms. Initially, the main uses and meanings of grace by the Apostle Paul, who is considered the "Apostle of Grace". After this on Augustine, who is considered the "Doctor of Grace". And finally on Luther, who struggled to return grace to its own place.

Keywords: Grace. Paul. Augustine. Luther.

¹ A autora é bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e mestra em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: veraschmegel@gmail.com

INTRODUÇÃO

Não se tem aqui a pretensão de aprofundar os aspectos da graça, como graça preveniente, eficaz, irresistível, suficiente e meios de graça, nem tampouco se intenciona tratar o tema, tão amplo e profundo, de forma exaustiva, se não que afirmar o espaço do mesmo nos escritos do apóstolo Paulo e sua apreciação em Agostinho e Lutero, que se posicionaram, cada um a seu tempo, como intérpretes e expositores da Graça, em seu sentido mais bíblico e menos institucional.

1. GRAÇA EM PAULO

Em Paulo, *charis* é introduzido para o campo da teologia. O termo ocorre 155 vezes no NT, sendo largamente usado por Paulo (100 vezes). Nos escritos de Paulo, *charis* é a essência da salvação de Deus em Jesus Cristo, bem como de todas as suas consequências no presente e no futuro (Rm 3.24ss). Desta forma, a graça se faz presente nas saudações das epístolas de Paulo, não apenas como uma “expressão de um desejo de bem-estar espiritual”.² Muito além da expressão cortês que designa um desejo acerca da salvação, é qualificada como sendo a graça do Senhor Jesus Cristo (2Co 13.13).³ O apóstolo está convicto de que a salvação se dá pela graça de Deus (Rm 3.24; 5.15; cf. Ef 2.5,7; Tt 2.11), sendo razão de louvor (Ef 1.6) e um dom comunicável (1Co 1.4; 3.10; 15.10; 2Tm 1.9).⁴

O apóstolo Paulo acentua a realidade e poder da graça confrontando as ideias rabínicas acerca da justificação através das obras e do sinergismo, apresentando duas linhas antitéticas e excludentes: graça e lei (cada qual com suas palavras correlatas). A realidade da graça em Cristo implica a impossibilidade de apropriação da graça como que um direito conquistado, nem tampouco pode ser deixada a sua livre disposição. A graça encontra centralidade na argumentação de Paulo e, frequentemente, encontra definição em contrastes.⁵ O ser humano é redimido pela fé somente (Rm 3.24,28), não auxiliado por obras.

A essência da doutrina da graça é que Deus é por nós, embora nós mesmos sejamos contra ele. Mais ainda, ele não é por nós meramente como uma atitude geral, mas tem agido eficazmente em nosso favor. A graça é sumariada no nome de Jesus Cristo... Jesus Cristo é Deus por nós... Tudo isso é verdade porque Cristo veio, morreu e ressuscitou e “a graça veio por meio de Cristo Jesus” (Jo 1.17). A encarnação do Filho de Deus, o seu sofrimento obediente, a sua morte como sacrifício e a sua ressurreição triunfal, não nos mostram apenas que Deus é gracioso, mas o próprio ato gracioso de Deus, porquanto ele se volta para nós e efetua esse relacionamento... outrossim, é da essência da graça que ela é livre... E visto que a graça é a decisão livre de Deus a nosso respeito, em Cristo, que procede da sua graciosidade, segue-se

² BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 953-960.

³ ESSER, Hans H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 911.

⁴ GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 390.

⁵ ESSER, In: BROWN, 2000, p. 911-912.

que não temos a habilidade de conquistar sua graça e favor. É por essa razão que a graça se opõe às obras da lei, tacitamente por todo o NT, e de modo exposto, em passagens como Rm 3.19 e ss; Jo 1.16; Gl 2.11-21 e Ef 2.8.⁶

A mentalidade de salvação alicerçada em obras não cabe diante da realidade da graça e verdade em Jesus (Jo 1.14; 2Co 1.12; Gl 1.6; 2Tm 2.1; Tt 2.11; Hb 12.15). Esse contraste evidencia a graça como benefício, um dom da parte de Deus, mesmo que não merecido.

Partindo do pressuposto básico do perdão e absolvição jurídica (Rm 8.31-32) provenientes da graça, Paulo enxerga toda a dinâmica da vida cristã residente na graça (2Co 6.1-9; Rm 5.2), ancorada no propósito de Deus (Rm 8.28), agindo na fragilidade humana (2Co 12.9); sendo ela a razão de ser do novo indivíduo (1 Co 15.10).⁷ *Charis* indica a inteireza da fé cristã, fé essa que “contém e dispensa a graça de Deus”.⁸ Esse favor de Deus manifestado à humanidade, e de maneira especial aos seus filhos, é marca distintiva das epístolas de Paulo das demais cartas correntes na época. A graça é tida como “fonte propulsora da fé e da vida cristã”.⁹

Notório em Paulo é que a graça aparece por vezes quase que de forma palpável, como na referência à generosidade dos macedônios em sua contribuição, sinal da graça de Deus (2Co 8.1; 2Co 8.7, “graça” essa que deveria inspirar os coríntios). O apóstolo enxerga seu chamado como obra dessa graça (Gl 1.15) A graça concede a Paulo a certeza da atuação de Deus em seu apostolado (1Co 15.10,11), sendo difícil diferenciá-la do “poder” do qual é dependente em meio às fraquezas (2Co 12.9-10; 13.4).¹⁰

2. INTERPRETAÇÕES DE GRAÇA EM AGOSTINHO

Neste ponto analisar-se-ão as principais características da interpretação em Agostinho e sua interpretação de graça e sua influência naqueles que o seguiram.

2.1 Características da interpretação em Agostinho

Os pais latinos, dos quais se destaca Agostinho de Hipona, procuraram manter-se, embora nem sempre com êxito, numa linha de interpretação literal, atentando para o sentido natural do texto. Consideravam o contexto histórico e cultural da passagem, ao contrário dos intérpretes alegoristas e, embora cientes das muitas possibilidades de sentidos atribuídos a um texto, buscavam identificar o que melhor refletisse a intenção do autor¹¹, sendo esse ideal *sine qua non* para uma interpretação leal.

Em *Confissões*, diante da possibilidade de múltiplas interpretações, Agostinho externa esse anseio (livro XII, cap. 32):

⁶ BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 955.

⁷ ESSER, In: BROWN, 2000, p. 913.

⁸ BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 953-960.

⁹ LINDEN, G. L. Graça. In: BORTOLLETO Filho, F. (edit.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008, p. 462.

¹⁰ GUTHRIE, In: REID, 2012, p. 390.

¹¹ LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 141-143.

Mas, Senhor, mostrai-nos essa interpretação ou aquela outra que seja verdadeira e mais Vos agrade, para que, patenteando-nos o mesmo sentido revelado ao Vosso servo ou outro em conformidade com a ocasião que essas palavras foram pronunciadas, nos alimenteis para não deixarmos iludir com o erro. Vede, Senhor, Deus meu, sim, vede, eu Vo-lo peço, quantas e quantas coisas escrevi sobre tão poucos versículos! [...] Por isso permiti-me que seja mais breve ao Vos enaltecer neles e que, entre as muitas interpretações que me ocorrem, e acerca dos quais muitas outras poderão ocorrer-me, eu escolha uma única, que seja verdadeira, boa e inspirada por Vós.¹²

Acresce-se que para a interpretação de passagens mais difíceis, recorriam àquelas mais claras. A postura dos pais latinos encontrava-se na contramão da tendência herdada da alegorização, embora, por vezes, também tenham nela incorrido, movidos, sobretudo pela intenção de mostrar Cristo no Antigo Testamento. Existia a convicção de que o Novo Testamento está oculto no Antigo e o Antigo Testamento é iluminado pelo Novo, razão pela qual, por vezes, espiritualizavam o Antigo Testamento pela via da alegoria.¹³

Agostinho é proeminente voz da *Patrística* e de relevância inquestionável, em sua época e na posteridade. William Cunningham atesta acerca dessa monumental contribuição para a sistematização das doutrinas da graça:

Foi na primeira parte do quinto século que as doutrinas da graça foram, pela primeira vez, submetidas a uma exaustiva investigação, o erro ensinado mais aberta e explicitamente, e a verdade mais satisfatoriamente defendida e ilustrada, desenvolvida e sistematizada, do que jamais fora feito até então.¹⁴

Agostinho tem recebido honra peculiar não sem mérito. Cunningham conclui que parte significativa da piedade do período de Agostinho até a Reforma, cerca de mil anos, “foi instrumentalmente conectada, mais ou menos diretamente, som sua influência e escritos”.¹⁵ Embora Agostinho bebesse de outras fontes, é em Paulo que encontra luz. Boettner afirma que ele “veio a ser o primeiro genuíno intérprete de Paulo, e foi bem sucedido em garantir a aceitação de sua doutrina pela igreja”.¹⁶

2.2 O tema Graça em Agostinho

Em Agostinho (354 – 430), o tema graça ocorre amplamente. Em sua obra *Ad Simplicianum* (Para Simpliciano), concluída em 396, Agostinho já disseminava entre seus conterrâneos sua visão pessimista acerca do ser humano como sendo uma “massa de pecado”, totalmente dependente de Deus para a salvação. Nesse contexto, entre 384 e 409, surge Pelágio, britânico, monge (mesmo que sem vínculo com uma ordem) e professor em

¹² AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 327.

¹³ LOPES, 2013, p. 145-146.

¹⁴ CUNNINGHAM, William. In: LAWSON, Steven. **Pilares da graça: 100-1564 D.C.** Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 273.

¹⁵ CUNNINGHAM, In: LAWSON, 2013, p. 274.

¹⁶ BOETTNER, Loraine. In: LAWSON, 2013, p. 275.

Roma, opondo-se radicalmente a Agostinho em sua concepção acerca da natureza humana. Sua doutrina fundamentava-se na ideia do livre arbítrio e da responsabilidade incondicional.¹⁷

Em Pelágio e seus adeptos, o bem é enfatizado como sendo inerente à criação, estando presente no ser humano feito à imagem e semelhança de Deus e dotado de liberdade, espaço de opção entre o bem e o mal, exercendo a graça apenas papel auxiliar para que o bem seja feito. Não havia o reconhecimento da ação direta do Espírito Santo na vontade, sendo a ação da graça de Deus, primordialmente externa e natural.¹⁸

Nessa linha, a graça é reduzida à liberdade e a salvação a méritos próprios¹⁹ e em razão da disseminação e absorção dessa concepção, Agostinho empreende esforços insistentes em exposições sobre *liberdade e graça*. Sua obra, *De Spiritu et Littera* (O espírito e a letra), de 412, é tida como chave para a compreensão dessa teologia, onde a graça é indispensável e a sua gratuidade é salutar para a santificação e salvação: “[...] com o penhor da graça recebido gratuitamente, anseie aderir ao Criador e anele vivamente aproximar-se da participação daquela luz verdadeira [...]”.²⁰ Caracteristicamente, estabelece-se em Agostinho uma relação tríplice: liberdade, vontade e graça, e acerca dessa, Étienne Gilson afirma que “[...] sem a graça, o livre-arbítrio não quererá o bem, ou, se o quisesse, não poderia consumá-lo. Portanto, a graça não tem por efeito suprimir a vontade, mas, tendo esta se tornado má, fazê-la boa”.²¹

Imbuído no propósito de apologia da fé ou de construção da própria identidade intelectual e teológica da fé cristã, Agostinho estruturou a *doutrina da graça*, que se desenvolveu e se consolidou em meio a controvérsias, principalmente as pelagianas, que contestavam a doutrina da gratuidade da graça, da predestinação e da perseverança dos santos.

Os debates constituíram-se oportunidades para a propagação das conclusões de Agostinho, sendo a graça apresentada como “medicina” para os descendentes de Adão e como auxílio para a prática do bem e, por conseguinte, para a salvação. Suas concepções foram assimiladas como fundamentais nos discursos do clero e por extensão, repercutindo em todo o cristianismo subsequente,²² rendendo-lhe o cognome de “Doutor da Graça”. Assim, Agostinho combatia veementemente a ideia de que a “[...] graça de Deus lhe é outorgada em vista dos merecimentos de suas obras ou de suas orações ou de sua fé... que Deus nos dá sua graça conforme nossos merecimentos”.²³ Toda e qualquer espécie de aquisição da graça constitui-se uma contradição necessária para a salvação. Obter graça pela via das boas obras

¹⁷ KELLY, J. N. D. **Patrística**: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 270.

¹⁸ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990, p. 424.

¹⁹ MANZANARES, César Vidal. **Dicionário de Patrística**. Aparecida: Santuário, 1995, p. 177.

²⁰ BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 1967, p. 89-90.

²¹ GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 155.

²² STUDER, Basílio. Graça. In: DI BERNARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 638-642.

²³ Carta 194, 4. Santo Agostinho, em 426-27, envia duas cartas (cartas 194 e 195) aos monges de Adrumeto, buscando esclarecer mal-entendidos acerca de sua doutrina da graça. Estas cartas estão inclusas na obra em português: AGOSTINHO, Santo. **A correção e a graça**. São Paulo: Paulus, 1999. (Patrística, 13)

deve ser considerado como uma inversão, já que estas devem decorrer da graça, que “não seria gratuita, ou seja, não seria graça, se fosse possível merecê-la”.²⁴

Agostinho defendia o caráter inteiramente gratuito e irresistível da graça de Deus, e pode-se dizer que saiu vitorioso nos embates subsequentes com o semipelagianismo, mas as convicções acerca dessa graça foram fazendo concessões para uma graça sacramental. Na Idade Média, o tema da graça sempre encontrou espaço entre os escolásticos, não desprovido de controvérsias. Dividiam-se entre linhas agostinianas e semipelagianas. A graça como favor dispensado aos pecadores foi perdendo espaço para a graça como uma qualidade da alma, produzida pelo Espírito Santo no coração do ser humano. Essa graça é tida como necessária para o crescimento nas virtudes e para a capacitação, a fim de que o ser humano se torne apto, através de seus méritos, a receber a graça maior.²⁵

Tomás de Aquino e outros escolásticos defendiam essa ideia de salvação cooperativa, em que a graça alia-se às obras, ritos e outras provisões da igreja, anexando à soteriologia o mérito humano, significando então que a graça por si só não era suficiente como meio de salvação. A ênfase repousada nos méritos nutria a mentalidade de que a graça não era poderosa para a salvação, forma de pensar que foi contestada por Lutero, “devolvendo à graça o seu trono teológico”.²⁶

3. INTERPRETAÇÕES DE LUTERO

Discorrer-se-á aqui acerca principais características de interpretação da Reforma, evento de inquestionável importância, tendo como um dos seus ícones Lutero, que protestou antes contra uma forma de mentalidade discrepante da Bíblia, que desembocava em práticas também incoerentes. Alguns, no entanto, distorceram o ensino de Lutero, o que Bonhoeffer resolutamente denunciou.

3.1 Características de interpretação na Reforma

O evento da Reforma caracteriza-se como um movimento hermenêutico, crucial na história da interpretação das Escrituras. “O domínio de séculos de interpretação alegórica é finalmente quebrado”.²⁷ Em um contexto bem definido de monopólio da interpretação das Escrituras por parte da igreja romana, os reformadores, dentro os quais aqui se destaca Lutero, imbuíram-se do propósito de realocar a Bíblia para o seu posto central, como intérprete de si mesma e como regra de fé e prática.

Por características de interpretação, os reformadores traziam a ênfase no sentido literal, óbvio, claro e simples das passagens, através de análise gramatical e contextual cuidadosa, o que se evidencia na crítica aos intérpretes da escolástica feita por Lutero no comentário aos Gálatas (1535), citada por Lopes:

²⁴ GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abubud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006, p. 292.

²⁵ BERKHOF, 1990, p. 425.

²⁶ BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 956.

²⁷ LOPES, 2013, p. 159.

O que eles [os sofistas] deveriam fazer é vir ao texto vazios, derivar suas ideias da Escritura Sagrada, e então prestar atenção cuidadosa às palavras, comparar o que precede com o que vem em seguida, e se esforçar para agarrar o sentido autêntico de uma passagem em particular, em vez de ler suas próprias noções nas palavras e passagens da Escritura, que eles geralmente arrancam de seu contexto.²⁸

Em sua interpretação, dada a natureza divina das Escrituras, enfatizava-se ainda a necessidade da iluminação do Espírito Santo, sem a qual não se podia chegar a uma interpretação correta e, dada a humanidade da Bíblia, insistiam na necessidade de estudá-la, convictos da disponibilidade e clareza do sentido geral a todo cristão genuíno. Primava-se pela interpretação da Escritura com Escritura e pela identificação da intenção do autor, valendo-se também do uso de outras obras. Em defesa à acusação de estarem inovando ensinamentos na igreja, os reformadores remetiam-se aos ensinamentos da justificação por fé em Agostinho e outros pais da igreja e “sempre citavam as obras antigas para mostrar que estavam em conformidade com as antigas doutrinas apostólicas da graça”.²⁹

3.2 Interpretação de Graça em Lutero

Se a busca por compreensão de graça em Agostinho reporta a Pelágio, em Lutero esbarra-se em Erasmo de Rotterdam. Desidério Erasmo (1466-1536), após ter sido monge agostiniano por sete anos, segue para a Inglaterra e lá se dedica ao grego, chegando à publicação de um texto crítico do Novo Testamento Grego (1516). Posicionava-se declaradamente contra os métodos de interpretação das Escrituras pela Igreja Católica Romana e denunciou práticas disprezantes nos mosteiros. Humanista, acreditava ter o ser humano um papel a ser desempenhado a fim de conquistar a salvação, concepções posteriormente divulgadas que suscitaram reações por parte de Lutero.³⁰

Martinho Lutero (1483-1546), enquanto monge, foi alcançado pela graça de Deus, experiência que resignificou sua existência. “Viu no colapso do mundo monástico a mão salvadora de Deus estendida em Cristo” como afirmaria, anos mais tarde, Dietrich Bonhoeffer. Agarrou-se à graça na certeza de que “nossos esforços nada podem nem mesmo na vida mais piedosa”.³¹

Clareou-lhe a verdade de que “pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de nós, é dom de Deus” (Ef 2.8) e, a partir de então, só admitia que se crescesse acerca da salvação aquilo que se podia comprovar nas Escrituras. Salvadas as devidas proporções, ambos podiam se identificar no que se refere à experiência monástica, bem como nos posicionamentos, que apontavam as falhas da igreja romana, mas logo tornaram-se oponentes.³² Erasmo permaneceu na igreja defendendo o livre arbítrio e Lutero imbuíu-se no confronto a essa

²⁸ LUTERO, Martinho. In: LOPES, 2013, p. 161.

²⁹ LOPES, 2013, 162-165.

³⁰ LUTERO, Martinho. **Nascido escravo**. São Paulo: Fiel, 2007, p. 12-14.

³¹ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 13.

³² LUTERO, 2007, p. 12-14.

mentalidade que culminou na obra “A escravidão da vontade”, desembocando em uma estruturação da doutrina da justificação pela graça como fundamento da fé cristã.

Lutero estava convicto de que o ensino corrente sobre o livre arbítrio feria no âmago a doutrina da salvação pela graça. O ser humano é desprovido de condições de se voltar, por si só, a Cristo, pois encontra-se escravo do pecado. Essa convicção impulsionava-lhe as argumentações, valendo-se da autoridade das Escrituras, sobretudo de textos de Romanos, como, por exemplo, Romanos 3.21-24: “Mas agora a justiça de Deus se manifestou, sem a lei, atestada pela Lei e pelos Profetas; isto é, a justiça de Deus por meio da fé em Jesus Cristo para todos os que creem; pois não há distinção. Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus”. Essas palavras disparam como que raio contra a ideia de Erasmo, afirma. “O que dirão os defensores do “livre-arbítrio” a respeito da palavra “gratuitamente”, em Romanos 3.24?”, incita:

Se a salvação é gratuita e oferecida pela graça divina, então não se pode conquistá-la ou merecê-la. No entanto, Erasmo argumenta que a pessoa deve ser capaz de fazer alguma coisa a fim de merecer a sua salvação, ou ela não merecerá ser salva. Erasmo pensa que a razão pela qual Deus justifica uma pessoa e não outra, é que uma delas usou o seu “livre-arbítrio”, e tentou tornar-se justa, enquanto que a outra não o fez. [...] Erasmo e algumas outras pessoas, como ele, admitem que os homens conseguem fazer muito pouco através de seu “livre-arbítrio” para obterem a salvação. Afirmam que o “livre-arbítrio” tem apenas um pouco de merecimento - não é digno de muita recompensa. E, não obstante, ainda pensam que o “livre-arbítrio” torna possível às pessoas tentarem encontrar a Deus. Imaginam, igualmente que se as pessoas não tentam encontrá-lo, cabe exclusivamente a elas a culpa, se não recebem a graça divina.³³

Independente do tamanho do mérito desse “livre-arbítrio” o resultado é o mesmo: a obtenção da graça de Deus, o que contraria o contundente “gratuitamente” de Paulo. Sobre essa diferenciação acresce-se que:

Na verdade esses defensores da ideia do “livre-arbítrio” nos dão um perfeito exemplo do que significa “saltar da frigideira para dentro do fogo”. Quando eles dizem que o “livre-arbítrio” tem apenas um pequeno mérito, eles pioram a sua posição, ao invés de melhorá-la. Pelo menos aqueles que dizem que o “livre-arbítrio” envolve um grande mérito (Os chamados Pelagianos) conferem um elevado preço a graça divina, porquanto concebem que um grande mérito é necessário para alguém obter a salvação. Todavia, Erasmo barateia a graça divina, podendo ser obtida por meio de um débil esforço.³⁴

Todavia, alguns protestantes prosseguiram com essa mentalidade, atribuindo aos sacramentos o poder de transmissão de graça, afirmando serem esses instrumentos do Espírito Santo, destituídos de mérito humano e eficácia. Schwarz compara esse sistema sacramental às indulgências da Idade Média, já que, em sua forma vulgar, “supõe que a alma voa para o céu quando ingere o remédio celeste”, desprezando preocupação com padrões

³³ LUTERO, 2007, p. 27-28.

³⁴ LUTERO, 2007, p. 28-29.

morais, contanto que ajam de maneira correta para com a igreja, mediadora da salvação.³⁵ Houve protestantes que passaram a rejeitar o sistema sacramental como meio de graça, concebendo-os como símbolos da graça e das provisões de Deus, dando-se os seus benefícios mediante o contato com o Espírito Santo, a parte dos elementos físicos.³⁶

3.3 Denúncia de mau uso da interpretação de Lutero

Incisivamente se afirma que não há no homem crédito que lhe possibilite a salvação em Cristo. Os créditos são da graça de Deus, pura e graciosa, mas esse reconhecimento trazia consigo perigos. Logo se detectou, nas palavras de Bonhoeffer, “o apurado instinto religioso do ser humano para descobrir onde é que a graça pode ser conseguida mais barata”, deslocamento esse muito veloz, quase imperceptível e altamente destrutivo.³⁷ Dietrich Bonhoeffer (1906- 1945), pastor e teólogo alemão, contrastava “graça barata” com a “graça cara”, dado o alto preço que pago. A “graça barata” remete ao que se pode chamar de “igrejismo”, onde a salvação é alcançada pelo enquadramento em doutrinas³⁸, transformando-a em “refugio, perdão malbaratado, consolo malbaratado, sacramento malbaratado; é graça como inesgotável tesouro da Igreja, distribuído diariamente com mãos levinas, sem pensar e sem limites; a graça sem preço, sem custo”.³⁹

Em dissonância com Lutero no que se refere à graça que tudo faz, seus seguidores usaram e abusaram da graça, excluindo o discipulado. A graça era, para Lutero, um “resultado”, um resultado divino, transformada subsequentemente em premissa básica para um cálculo.

Nisso consiste todo o desastre. Se a graça é o "resultado" da vida cristã, dado pelo próprio Cristo, então esta vida não está dispensada, um único momento sequer, do discipulado. Se, porém, a graça constituir premissa básica de minha vida cristã, então tenho nela, antecipadamente, a justificação dos pecados que cometer durante minha vida no mundo. Posso agora pecar apostando nessa graça, pois o mundo está, em princípio, justificado por ela. Permaneço, por isso, em minha existência de cidadania mundana como até agora; tudo fica como antes, e posso viver na certeza de que a graça de Deus me encobre. O mundo inteiro tornou-se "cristão" à sombra dessa graça, mas o cristianismo mundanizou-se sob essa graça como nunca.⁴⁰

Em uma concepção de graça distorcida, o discipulado torna-se dispensável, é premissa para a graça banalizada. Dados os efeitos catastróficos, reconhece-se quanto depende da maneira como uma verdade é expressa e posta em prática. Trata-se da mesma mensagem da

³⁵ SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico. Curitiba: Esperança, 2001, p. 126.

³⁶ BENTLEY, In: CHAMPLIN, 2008, p. 956.

³⁷ BONHOEFFER, 2004, p. 14.

³⁸ GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**: Deus e o mundo numa era líquida. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

³⁹ BONHOEFFER, 2004, p. 9-11.

⁴⁰ BONHOEFFER, 2004, p. 15.

justificação exclusivamente pela graça; porém, o seu mau uso acarreta a completa destruição de sua essência.⁴¹

Como corvos, nos reunimos em torno do cadáver da graça barata e dela recebemos o veneno devido ao qual o discipulado de Jesus morreu em nosso meio. A doutrina da graça pura passou, de fato, por uma apoteose incomparável, a doutrina pura da graça tornou-se ela mesma Deus, tornou-se ela mesma graça. Em toda parte, as citações de Lutero, e, no entanto, a verdade convertida em ilusão! Se a Igreja possui, pelo menos, a doutrina da justificação, então é, sem dúvida, uma Igreja justificada, diz-se. Assim, a verdadeira herança luterana seria o maior barateamento possível da graça. Ser luterano seria deixar o discipulado de Jesus aos legalistas, aos reformados ou aos entusiastas, tudo por amor da graça; seria justificar o mundo e transformar em herege o cristão que enveredasse pelo caminho do discipulado. Cristianizara-se, luteranizara-se um povo inteiro, porém, às expensas do discipulado, a um preço demasiadamente barato. Triunfara a graça barata.⁴²

Bonhoeffer complementa, afirmando a faceta cruel da liquidação da graça evidenciada no colapso da igreja e não bastassem os prejuízos, como legado, ao invés de abrir o caminho para Cristo, o atravanca. O ser humano agarrado à “graça barata” priva-se do conhecimento da “graça preciosa”.⁴³ Se o “quadro” gracioso foi arrasado, significa que há espaço para novas “pinturas”, atuações que sejam exuberantes, ao passo que simplesmente graciosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória da história cristã, o conceito de graça por vezes apresentou-se comprometido e limitado, divorciado da verdade bíblica, ausentando-se até mesmo do vocabulário de alguns estudiosos. Transitando ora na obscuridade, ora na superficialidade, sobretudo em tempos em que a ênfase é posta na bondade do ser humano, o senso de necessidade da mesma é minimizado.

Paulo, o apóstolo da graça, manteve-se entregue, sem agregar a sua vida valor demasiado, a fim de testemunhar do evangelho da graça de Deus (cf. At 20.24). Influenciou fortemente homens como Agostinho e Lutero, que trilharam como seus intérpretes, deixando um legado duradouro na história da interpretação das Escrituras e, por extensão, para a interpretação da graça de Deus.

Embora cada um deles tenha passado, os desvios contra os quais lutaram permanecem, apresentando-se em velhas e novas roupagens. Regressarmos às pegadas de homens como estes pode implicar progressos em nossos dias. Conquanto passíveis de erros em sua árdua tarefa como intérpretes, são honrados pela seriedade em seu serviço prestado ao Senhor, pelo qual somos beneficiados.

Que haja reconhecimento da graça de Deus e espaço para que através de cada ser humano ela atue. "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e sua graça para comigo não foi

⁴¹ BONHOEFFER, 2004, p. 15-16.

⁴² BONHOEFFER, 2004, p. 17.

⁴³ BONHOEFFER, 2004, p. 18-19.

em vão; antes, trabalhei mais do que todos eles [os outros apóstolos]; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15.10).

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

AGOSTINHO, Santo. **A correção e a graça**. São Paulo: Paulus, 1999.

BENTLEY, John. Graça. In: CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 953-960.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 1967.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ESSER, Hans H. Graça. In: BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 907-911.

GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abubud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era líquida**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

GUTHRIE, Martin E. R. P. Os atributos de Deus. In: REID, Daniel G. (edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 376-393.

KELLY, J. N. D. **Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1994. 391 p.

LINDEN, G. L. Graça. In: BORTOLLETO Filho, F. (edit.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

LAWSON, Steven. **Pilares da graça: 100-1564 D.C.** Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2013.

LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LUTERO, Martinho. **Nascido escravo**. São Paulo: Fiel, 2007.

MANZANARES, César Vidal. **Dicionário de Patrística**. Aparecida: Santuário, 1995.

SCHWARZ, Christian A. **Mudança de paradigma na igreja**: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico. Curitiba: Esperança, 2001.

STUDER, Basílio. Graça. In: DI BERNARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.